

EM TORNO DA DEFINIÇÃO DE PROTAGONISTA

O protagonista é o ator principal, é aquele que está no centro da cena. Ao mantermos esta perspectiva ligada ao mundo das artes vivas, artes cênicas estamos nos posicionando como atores de nossas próprias vidas. É onde entra a questão do trabalho, considerado como central na vida de cada um, o meio mais disseminado para que os sujeitos encontrem o seu lugar na sociedade e desenvolvam a sua obra mundo, com todas as dúvidas, os paradoxos e contradições existentes.

Em primeiro lugar, estar no centro da cena está ligado a questão do eu, da existência de cada um enquanto indivíduo dotado de sua singularidade, fruto de uma história que sempre é pessoal e vivida na relação com os outros, uma relação entre o subjetivo e o intersubjetivo.

O eu servirá como base para as definições aqui adotadas, apesar das dificuldades que o conceito pode trazer. O eu absoluto, o do Deus Hebreu, quando este afirma para Moisés, ao ser indagado sobre quem seria, a resposta, “eu sou aquele que é”, pode ser considerada como uma simbologia do *summum* da identidade, aquela que não é acessível aos humanos, apenas para a divindade. Por outro lado o eu da psicanálise, proposto por Freud, com as questões que este se coloca, com as suas indagações, fragilidades, defesas, com as propriedades do seu consciente, mas sobretudo do seu inconsciente, seria o humano. Como não se trata de uma questão do divino, nem de uma discussão sobre a sua imagem e semelhança, o conceito do eu adotado neste trabalho é inspirado no eu da antropologia psicanalítica.

Assim, trata-se de alguém que, na sua existência, está em busca de algo, que além da sobrevivência física tem a necessidade de encontrar um lugar no mundo, um lugar a ser construído sempre em relação com o outro. Este outro que, desde o início da vida, se constitui no momento que o bebê percebe que a sua mãe não é ele, isto é, quando suas necessidades não são imediatamente correspondidas por ela, quando há uma defasagem temporal, quando não há uma resposta a tudo, quando se estabelece uma discrepância, uma distância, uma falta. O outro se constitui nesta falta, e assim também se inicia a constituição do eu, pois ao existir uma distinção, um limite, o eu também se constitui como algo diferenciado. Assim a existência do eu se forja na existência do outro.

O processo de constituição do teatro da vida seria aquele onde cada um, teria o papel central na sua vida, papel este que faz sentido porque aquilo que é feito o é em referência ao outro. Além da minha necessidade de sobreviver, aquilo que faço é modulado por aquilo que, em parte, é permitido e construído em relação ao outro.

Ao transpor esta questão para o trabalho, o meu papel é, em boa parte modulado pelo outro, é onde se situa o universo da tarefa. Aquilo que faço é avaliado e referendado pelo outro, seja um colega, seja alguém da hierarquia. Mesmo se meu papel é o de liderar e o de gerenciar, a legitimidade é conferida pelo outro. Assim o sujeito se enxerga, é protagonista da sua vida sempre em relação a outros protagonistas. O seu trabalho é um dos principais cenários da sua existência.

Ressalte-se que ao adotar uma inspiração do conceito de eu oriundo psicanálise, há sempre o risco, entre as várias críticas possíveis, a de se imputar uma contradição, uma vez que Freud, aparentemente teria dado pouca importância ao trabalho ordinário, definindo os processos de sublimação da pulsão sexual de vida, como um processo destinado a apenas certos tipos de profissão, como a das artes, das ciências, enfim aquelas que teriam um significativo potencial de reconhecimento. Trata-se de algo que vai ao encontro da questão da necessidade do outro para que aquilo que faço possa fazer sentido, pois sem o reconhecimento, o meu esforço estaria fadado ao esquecimento, ou simplesmente ao desaparecimento pois não se trata de uma “obra-mundo”. Mesmo que Freud restrinja as possibilidades de sublimação a relativamente poucas profissões, ele nos abre uma janela, ao questionar o seu próprio conceito (FREUD, 2010). Ele afirma que não sabe explicar a importância do trabalho ordinário que, aparentemente teria um potencial sublimatório muito significativo. Além disso, em muitas partes de sua obra, o termo *arbeit* (trabalho) está presente, sobretudo quando trata do processo de elaboração, isto é, de um trabalho consigo mesmo, um dos fundamentos da abordagem psicanalítica.

Hannah Arendt, por outro lado, também faz uma distinção similar, mesmo que sua filiação epistemológica não se coadune com a da metapsicologia freudiana. Para esta filósofa, haveria uma distinção clara entre o labor, destinado à sobrevivência, fadado a se repetir *ad nauseam* ao longo da vida, que não deixaria quaisquer traços e que, portanto não perduraria, e uma “obra-mundo”, constituída de coisas que teriam perenidade e que, portanto, seriam passíveis de reconhecimento (ARENDR, 1981).

As respostas para essas questões podem ser, ao menos em parte, encontradas nos preceitos da psicodinâmica do trabalho, desenvolvida sobretudo pelas reflexões de Dejours. Para este autor, a centralidade do trabalho é significativa para a existência do sujeito, para o reforço da identidade. Assim, sem descartar a

centralidade do sexual na constituição do eu, afirma a importância do trabalho, que teria um forte potencial sublimatório e um amplo potencial de contribuição para a cultura, sobretudo ao se tratar de algo coletivo. (DEJOURS, 2011c)

Todavia como tudo que é humano, alinhado na perspectiva da psicanálise, não se pode adotar um ponto de vista naïf, o trabalho também seria onde se pode colocar em cena o que há de pior com relação à violência humana, sobretudo porque, em muitas situações ela é simbólica e se cristaliza em modos de organização e de definição do conteúdo das tarefas, como potencialmente destruidores para o sujeito e para a civilidade.

Assim, o que aqui é proposto não é adotar uma visão do ser humano unicamente positiva, como um ser bom; ao contrário é um ser contraditório que vive entre o bem e o mal. A luta constante para que a sua ação tenha um papel constituinte para a cultura é um fato, todavia muitas vezes, as batalhas são perdidas neste campo, basta olharmos a barbárie que frequentemente reina. O julgamento das ações inexoravelmente passa pelos outros, aquilo que é considerado como fazer bem e fazer algo de bom não é algo absoluto, mas sim modulado pela cultura.

Um outro aspecto do protagonismo estaria ligada à vontade ou não de exercê-lo. Ao adotar os pontos de vista aqui explicitados, esta questão deveria ser colocada de outra maneira. Ser protagonista em sua vida, em específico no seu trabalho, não é uma escolha, uma vez que o conceito aqui defendido é que haveria uma relação inexorável com o eu; não se trata de querer mas de ser. Cada sujeito, seria portanto protagonista, não haveria momentos em que o somos e outros não somos, isto valeria do início ao fim da vida de cada um.

No que diz respeito a uma classificação com relação à intensidade, o ponto de vista aqui adotado infere que não haveria, para o sujeito uma maior ou menor capacidade de ser protagonista, ou ainda uma maior ou menor participação de cada um. Simplesmente cada um é, como todas as vicissitudes relativas à relação da economia psíquica no que diz respeito à relação consciente e inconsciente e os processos de clivagem. Ao mesmo tempo que a tópica diferenciada do aparelho psíquico nos permite fazer esta distinção, a existência de uma unidade do eu, da sua singularidade, também pode ser considerada.

Na perspectiva temporal, ao longo do ciclo de vida e do posicionamento social dos indivíduos, algo similar se coloca. Não haveria momentos onde as necessidades individuais seriam mais ou menos importantes, o mesmo valeria para o reconhecimento social do seu trabalho. Não seria devido ao reconhecimento que o sujeito seria mais ou menos protagonista em sua vida, ele simplesmente o é.

Conquistar notoriedade poderia ser uma evidência de uma divisão social quanto ao protagonismo das pessoas? Ao olhar dos outros parece que sim, principalmente se considerarmos o relevo que adquiriu na sociedade. Todavia isto

não seria o mesmo ao olhar desses sujeitos, uma vez que a sua necessidade de ação na vida não terminou pelo fato de ter sido reconhecido, há sempre algo que o impulsiona a fazer mais. Isto pode parecer um paradoxo, ainda mais quando afirmamos que a própria constituição do eu depende do outro, isto é, de como eu sou reconhecido pelo outro. Assim se o sujeito já o obteve, poderia se considerar como realizado? Na perspectiva do eu, o sujeito sempre estaria em busca de algo, não haveria uma linha para distinguir entre aquele que está realizado e o que está em busca de, uma vez que a necessidade de agir seria premente à própria existência da vida.

Quanto à inserção social, isto poderia ser relativizado, uma vez que, devido às próprias injustiças e, ainda, pela própria divisão do trabalho, o meu papel pode não ser relevante. Mesmo quando alguém é considerado como um protagonista na sociedade, isto não é uma aquisição perene, a busca seria constante e precisa ser alimentada. O fato de ter a sua contribuição na sociedade confirmada, ajuda a reforçar a identidade, mas não elimina a necessidade de continuar.

A questão, portanto, não ficaria restrita a algo que se adquiriu ou se perdeu ao longo da vida. Para Heloani e Uchida (2007) a identidade seria uma construção contínua que se dá mediante reiteradas identificações do próprio indivíduo em relação a si mesmo e ao meio social.

Distinguir os conceitos de protagonista e o do eu estaria fundamentado na ideia que o primeiro está no registro da ação no mundo, como eu me coloco na cena da minha vida que, ao mesmo tempo podemos considerá-la como algo íntimo, interior, mas que a sua existência, o seu conteúdo está relacionado como eu vivi a experiência no mundo, no que há de externo a mim. Assim, o meu cenário interno seria, de certa forma, como eu incorporei o mundo, como o mundo me habita, sobretudo um mundo experimentado, vivido. Mundo do qual, sou construtor, que foi por mim elaborado, trabalhado no sentido psíquico do termo. Isto não significa que o protagonismo seja solipsista, o sujeito está no centro da cena, mas sempre em relação com o outro.

Mais ainda no trabalho, onde boa parte da vida se passa e para o qual, passei muitos anos a me preparar, seja na escola, seja na aprendizagem de uma tradição, de uma cultura. Boa parte daquilo que fiz na infância e na adolescência tem a ver com uma preparação para viver em sociedade, trabalhando, produzindo algo de útil e belo para mim e para os outros.

O fato de que no trabalho cada um se posiciona em um espaço que não é privado e, cujas normas e regulamentos estão embasadas em certos pontos de vista relativos àquilo que deve ser produzido e como se deve fazê-lo. O sujeito deve se confrontar com um desafio de assumir um papel para o qual se preparou, mas que lhe é desconhecido, pois não vivido anteriormente, reforçando que há muito de heteronomia no mundo da produção.

Com relação à discussão do protagonismo do trabalho no mundo da produção há distinções a serem feitas pois não se trata do mesmo enfoque. Os sujeitos, protagonistas de sua vida e, conseqüentemente do trabalho, se confrontam com um dilema, a sua ação se faz em busca de algo e aquilo que faz é muito importante. Todavia se trabalho na produção está relegado a um plano inferior, em um mundo em que se fala cada vez mais da gestão e onde o trabalho é muitas vezes, invisível, há um risco significativo para o sujeito.

O cenário da negação importância do trabalho na produção é um fato que se tornou muito mais presente nas últimas décadas. Se não for hegemônico é muito presente até porque quase nada se fala sobre o trabalho em si, o mais presente na mídia discute o emprego e algumas questões ligadas às relações de trabalho e, na universidade se fala sobretudo de gestão. E por que? Isto seria fruto de um posicionamento ideológico, muito presente, na sociedade neoliberal, onde o trabalho deixa de ser um valor em si, o seu lugar é ocupado pelas finanças e pela gestão. O trabalho, relegado a um segundo plano, quiçá aos porões, não seria apenas uma questão retórica, mas um fato relacionado a práticas comuns em diferentes modalidades de organização do trabalho, onde se busca, cada vez mais individualizar as análises de desempenho, quebrando no mais possível, a noção de uma obra ou empreendimento coletivo.

Negar o protagonismo do trabalho seria colocar os sujeitos em cheque, uma vez que, para eles o trabalho é central para sua vida. Assim, ser protagonista em algo pouco valorizado como o trabalho, mas que para mim é fundamental, é colocar em risco o meu próprio eu, a minha identidade, aquilo que eu luto para construir no mundo.

Apesar de haver duas vertentes nesta tese, elas estão intimamente relacionadas quando colocamos em perspectiva a importância do trabalho na construção da saúde dos sujeitos e, em um sentido mais amplo, a sua contribuição para a construção da cultura. Aqui seria o ponto de encontro entre os dois protagonismos, o meu que, de alguma forma pelo trabalho se consolida, garantiria uma continuidade, uma consonância, uma coerência de vida e; o do trabalho na produção, uma questão social e política, relativa aos modelos de organização da produção.

Porque defender o papel do trabalho na produção? Como já dito anteriormente não existe um sistema de produção desprovido de trabalho. Qualquer empresa é constituída pelas coisas que são de sua propriedade, mas tudo isso não tem vida, a vida das empresas, isto é, a sua produção é fruto do trabalho vivo, daquilo que os seres humanos fazem para que algo possa ser produzido. A visão gestionária que se apoia na negação do trabalho ser central para a produção, além de perigosa, é falsa. Até porque a própria gestão é resultante do trabalho de pessoas, que pode ser mais ou menos dividida entre diferentes atores ao longo da hierarquia e das equipes de profissionais.

Apesar de parecer óbvio afirmar que a produção dependa do trabalho vivo, isto não é moeda corrente, uma vez que ao negá-lo, há um grande risco de se negar também a própria existência dos sujeitos que, de certa forma, seriam considerados também como um recurso que pode ser usado, e não um trabalhador que está construindo a sua vida, a sua obra profissional. Este risco de transformar tudo em coisas, em objetos, em algo morto é um contrassenso se considerarmos as empresas como organismos vivos, onde há convívio de pessoas trabalhando desenvolvendo diferentes papéis relativos as suas profissões.

Ao defender este tipo de tese, o posicionamento adotado é de ampla oposição a qualquer tarefa, por quaisquer motivos que sejam, que não esteja pautada numa possibilidade de propiciar o desenvolvimento profissional e a construção da saúde dos sujeitos, isto é, a perspectiva do protagonista.